

# AMAZÔNIAS

EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS:  
ENTRE DIVERSIDADES E ADVERSIDADES

**JANE FELIPE BELTRÃO**  
**PAULA MENDES LACERDA (ORGS.)**

**ABA** PUBLICAÇÕES



**mórula**  
EDITORIAL

# *Para o Pará e o Amazonas: látex.*

## Notas sobre as pressões e violações no interior da Amazônia na economia extrativista

KATIANE SILVA

### **O “SISTEMA DE BARRACÃO”: A REPRESENTAÇÃO DO PATRÃO SERINGALISTA E A VIOLÊNCIA**

*A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes. [ O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA, POR CHIMAMANDA ADICHE ]*

Durante uma conversa com uma bibliotecária do Museu Amazônico, da Universidade Federal do Amazonas, a respeito de livros ou fontes que relatassem o período de crise da economia da borracha na Amazônia, ela desabafou: “ah, minha filha, aqui só tem produção ou livros que falam sobre o auge da borracha. É difícil encontrar alguma coisa falando sobre Manaus ou o Amazonas depois de 1910”. Tal afirmação me gerou um incômodo porque a exaltação positiva do “período áureo da borracha” é constante nos discursos governamentais e de alguns intelectuais, por fazer alusão a um “desenvolvimento” econômico acelerado e que não se repetiu mais na região. Por que só se fala sobre a *Belle Époque*, enquanto um empreendimento desenvolvimentista, e se esquece das condições nas quais esse período foi construído? No entanto, o outro lado da história não é tão divulgado nos diversos segmentos da sociedade: as inúmeras vidas perdidas em prol da construção do teatro ou das obras arquitetônicas inspiradas nos modelos europeus.

Quando se fala na *Belle Époque* Amazônica e nas mudanças que a acumulação de capital decorrente da extração do látex proporcionou a Belém e Manaus, é espontânea também a lembrança das casas aviadoras nas capitais, bem como de uma figura emblemática no interior da Amazônia, principalmente nas localidades onde a extração do látex representava a principal fonte de economia: o *coronel de barranco*. Minha intenção não é exaltar esta figura com este texto, mas proponho uma revisão e apresentação das diversas formas de violência que o “progresso” impôs à parte da população do interior, bem como daqueles que migraram para a Amazônia em busca de uma história diferente.

*Coronel de barranco* é um termo utilizado para se referir ao patrão seringalista. Ele era um dos componentes da cadeia econômica internacional da borracha. Era supostamente o “dono” das terras onde se distribuíam as estradas de seringa nativa que foram dominadas, inicialmente, à força. Ele era “puramente um negociante” (Goulart 1968), que tirava proveito dos fregueses. A figura *coronel de barranco* ou patrão seringalista também foi explorada pela literatura ficcional e podemos encontrar as mais variadas descrições sobre as relações de poder entre patrão e freguês em *O Amante das Amazonas*, de Rogel Samuel; *A Selva*, de Ferreira de Castro; *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima; *A mata submersa e outras histórias da Amazônia*, de Peregrino Junior; entre outros. Independente das descrições ou representações sobre essa figura, a atuação comum do patrão era encerrar as famílias nos seringais pelas dívidas contraídas ao entrarem nesse trabalho, além do controle do território e dos seus corpos.

As desventuras do(a) indígena, nordestino e estrangeiro seringueiros, de acordo com a literatura acadêmica, ficcional e em testemunhos de pessoas que conheci e viveram esse “tempo de terror”, podem ser descritas com uma palavra: privação. No seringal, à medida que cortavam a seringueira (*Hevea brasiliensis*), os seringueiros tinham a sua liberdade de ir e vir cerceada. O poder desses *coronéis* também era condicionado ao preço da borracha e ao crédito que detinham nas grandes casas aviadoras de Belém e Manaus.

O “sistema de barracão” se caracterizava pela exploração dos seringueiros, que se estabelecia pela força e pelo lucro obtido por meio do aviamento, ou seja, o adiantamento de mercadoria a crédito. Essa forma de comercialização se expandiu por toda a Amazônia durante o período de expansão da economia gomífera e se fixou a partir

A *Belle Époque* é entendida como o período no qual as capitais amazônicas absorviam os padrões da cultura burguesa, a partir de 1850. À medida que o preço da borracha aumentava no mercado internacional, mais as cidades de Belém, Manaus e a Amazônia de maneira geral se enredavam em relações de dependência financeira dos centros hegemônicos do capitalismo financeiro.

A violência marcava a autoridade, o controle, mas também a resistência e a revolta, e assumia o papel de uma linguagem com a qual muitas coisas eram ditas, e que não se diziam de outra maneira. Ela era a linguagem utilizada entre patrão e seringueiro, entre patrão e regatão (comerciante ambulante), entre homens e mulheres, adultos e crianças, e acontecia também horizontalmente.

**CONFIRA:** Cristina Wolff, *Mulheres da Floresta: uma história*. Alto Juruá, AC, 1890-1990, 1999, p. 195.

da “imagem do terror” e dos maus tratos impostos aos seringueiros, sejam eles indígenas ou nordestinos, mulheres ou crianças, como demonstra a socióloga Rosa Marin (2005) no verbete *Aviamento* do Dicionário da Terra.

Apesar de a figura masculina dominar a literatura acadêmica ou ficcional numa posição de vítima do “inferno verde” e ao mesmo tempo “desbravadora” de uma terra considerada deserta, o trabalho das mulheres seringueiras é fundamental no estabelecimento das famílias nos interiores dos seringais da Amazônia brasileira e da Pan-Amazônia, conforme a historiadora e antropóloga Jane Beltrão (2005) no verbete *Seringueiro*, do Dicionário da Terra. De acordo com a autora, as mulheres, além de trabalhar na coleta do látex, mantêm pequenas roças, criam animais de pequeno porte e possuem um papel importante nas mobilizações sociais por direitos, como, por exemplo, nos casos dos empates (movimentos com objetivo de evitar o desmatamento nas áreas de seringal).

A historiadora Cristina Wolff (1999), ao analisar o sistema de relações de gênero na constituição de seringais no Acre em seu livro *Mulheres da Floresta: uma história. Alto Juruá, AC, 1890-1990*, destaca a linguagem da violência que atravessava todas as relações sociais nos seringais. Esse monopólio da violência exercido pelos patrões era garantido pelo poder público, pelo Estado, já que a polícia garantia o retorno dos seringueiros fugitivos considerados “em débito” com seu patrão, como observa o economista Roberto Santos (1980). Tal sistema violento possibilitou a modificação de vidas, de espaços e territórios, não somente no interior, mas também em cidades como Belém e Manaus, onde se localizavam as principais casas aviadoras, ou seja, as casas comerciais que detinham as mercadorias utilizadas no empreendimento mercantil do seringal.

As representações sobre o “patrão seringalista” podem variar de acordo com as localizações dos seringais, com as relações estabelecidas entre patrão e freguês e com os diversos mecanismos de controle social e coerção ideológica existentes no seringal, bem como a capacidade dos seringueiros e indígenas de lidar com esses mecanismos e se desvencilhar das armadilhas do controle local. É neste sentido que proponho a primeira atividade.

# ATIVIDADE

## ATIVIDADE 1

A partir da leitura de trechos de livros apresentados a seguir, discuta com os estudantes em sala de aula em forma de debate, produções textuais ou jogos de encenação, as seguintes questões:

- Identifique passagens a respeito das imagens sobre as capitais da Amazônia, no período considerado de maior lucro na economia gomífera, e problematize a ideia de modernização explícita nesse contexto;
- Caracterize a figura do regatão e do patrão seringalista no contexto amazônico;
- Como você explicaria a narrativa dos autores escolhidos sobre a relação entre o “patrão seringalista” e o seringueiro?

Lembrando ainda que as atividades podem ocorrer em mais de uma sessão e o resultado do debate pode ser exposto na escola ou em qualquer outro espaço por meio de painéis ou quadros produzidos durante o trabalho. É importante frisar que as questões propostas não estão fechadas, podem ser complementadas com as contribuições do professor ou professora e dos participantes dos debates. É importante também que o professor, junto com os participantes, contextualize os textos, situando-os no momento histórico específico, evitando a produção de estereótipos.

## TRECHO 1

Trinta mil.

De longe, era um simples número.

Exatamente, trinta milhões e cem mil quilos de borracha, para saciar a fome do progresso industrial, que mudara a face do mundo desde o fim do século.

Ao invés dos vinte e poucos mil do ano em que eu partira para a Inglaterra, enredado na aventura a que me arrastara Wickham, após a morte de Rosinha, que me revolucionara o destino.

Simple número, que lera e relera nos jornais londrinos, pelos primeiros dias do ano de 1904, e de que apenas poderia ter uma ideia abstrata, vivendo a tamanha distância, com o oceano de permeio.

Uma abstração que só ganhou para mim a consistência de um fato concreto, à hora de desembarcar em Manaus, depois de tão prolongado exílio. De vinte e nove anos que eu deixara o Colégio Anacleto, quase imberbe, incapaz de sonhar com aquilo que tinha agora diante dos olhos, quando meus cabelos começaram a embranquecer.

Porque a antiga Vila da Barra do Rio Negro se transmudara, radicalmente.

Igarapés que retalhavam a cidade com as suas águas, por todos os lados, estavam aterrados e transformados em ruas bem calçadas. E onde um braço do Rio Negro, em 1874, ainda se enfiava terra adentro por alguns quilômetros, agora se estendia a grande Avenida Eduardo Ribeiro, que começava no quarteirão dos enormes armazéns de borracha, e chegava além dos trechos em que se defrontavam os dois orgulhos arquitetônicos da pequena metrópole. O Palácio da Justiça e o monumental Teatro Amazonas.

De espanto em espanto, ia-me deixando passear nos bondes elétricos que ali haviam principiado a trafegar antes mesmo de surgirem nas ruas da Capital Federal.

Apreciando as edificações modernas, muitas delas inspiradas na arquitetura francesa, quando não eram cópia legítima de um prédio londrino.

Passeando a pé pelas lojas elegantes, que exibiam nas vitrines os últimos modelos femininos de Paris, e o que se considerava de melhor em matéria de moda masculina na City.

E as ricas joalherias, arrumadas à maneira das que eu me habituara a ver na *Rue Royale*.

Bancos apinhados de gente.

Repartições públicas imponentes. Como a Alfândega, feita em blocos importados, talhados na Europa e trazidos prontos para montar ali.

Vários hotéis, inclusive um com fachada sobre três ruas, do mais puro sabor europeu. E que podiam ter construído em qualquer cidade do mundo, por mais adiantada que fosse.

Tudo que eu vi, naquele flamar que durou a tarde inteira, era o retrato fiel dos trinta milhões de quilos de borracha.

E à noite, quando os revérberos ostentavam a luz branquíssima das lâmpadas de arco voltaico, únicas no país, a realidade de uma vida noturna como não se encontrava igual em nenhuma outra cidade brasileira.

Bares e cafés-concerto, que só fechavam as portas ao amanhecer.

O elegante Alcazar, teatro-miniatura que certo pródigo mandara reproduzir, numa grande praça, para capricho da amante, que não queria se desvincular completamente da atmosfera parisiense, onde ele a conquistara, num fim de espetáculo.

Luxuosas pensões alegres. Como a afamada Floreaux, situada no centro de um jardim, que se dava ao luxo de manter, diariamente, noite adentro, um jantar-dançante, com orquestra exclusiva. E onde só se bebia champanhe, na companhia de belas cocotes internacionais. Francesas, italianas, russas, húngaras, polacas, orientais. Mulheres de todas as línguas, cores e raças, apenas niveladas pelos figurinos e perfumes que vinham diretamente de Paris.

Um lupanar de alto bordo, plantado ao lado de um quartel, e que serviu de palco acidental para uma nova reviravolta na minha incerta existência.

LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2. Ed. Manaus: Editora Valer, 2002, p.91-93.



## TRECHO 2

A ideia fixa da borracha, com os preços em contínua ascensão. A permanente alta de uma produção que eu tinha, já por então, a certeza de que encontraria o seu fim inevitável. Um fim que decorreria do próprio tipo de economia destrutiva em que se baseava. E que eu, muito cedo, aprendera a entender, desde que se aprofundou minha convivência dentro do meio que frequentava em Londres, onde Mr. Wickham me introduzira e fizera trabalhar para ganhar o pão.

Também aquele tipo de trabalho absurdo, imediatista, cada qual a pensar somente em fugir dele, na busca de uma existência que fosse realmente humana.

O barracão patronal, único centro de funcionamento dos interesses dos seringalistas, dando às vezes a impressão de que aquilo tudo nada tinha a ver, de fato, com a borracha em si.

Uma alimentação quase artificial, a empanturrar ventres de seringueiros – e os nossos também – desafiando em volta a fartura que a natureza podia oferecer com umas poucas horas de trabalho.

Mais o alcoolismo, como única saída para o desespero, falso remédio e esperança de ver passar o tempo.

A abstinência sexual e as formas degradantes de escapar dela.

E, no fundo de tudo, acima de tudo, acima de tudo, esmagando tudo, a terrível solidão.

LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2. Ed. Manaus: Editora Valer, 2002, p. 267-268.



### TRECHO 3

Bati na porta do barracão:

– Ô de casa!

Uma débil voz arrastada furou molemente a escuridão da sala abandonada:

– Quem é?

– É de paz! Seu João Antônio está?

– Inhor não. Mas pode entrar e abancar-se.

O barracão era o que eu esperava que ele fosse: um vasto casarão de madeira, coberto de palha, repousando sobre estacas, ligado ao rio por um trapiche de vinte metros. Havia apenas três peças: a taberna, com o balcão e as prateleiras, onde estavam empilhados os gêneros (carne seca, pirarucu, farinha d'água, sal, açúcar, querosene, fósforos, anzóis, terçados, machadinhas, tigelas, linha para pescar e para coser, agulhas, remédios, louça, fazendas, miudezas). Na parede o nome dos cinquenta fregueses que trabalham no corte das seringueiras. A segunda peça – o salão – tem uma mesa de jantar, cadeiras, tamboretas e bancos de pau, fogão de lenha a um canto, depois, é o quarto, todo fechado, sem janelas, com duas redes e várias escâpulas.



No oitão, uma puxada para as balanças de pesar borracha, os ferros de marcar, e o estoque para embarque. É tudo.

Foi de trás do balcão que me veio a voz sumida e preguiçosa que me mandou entrar. Emergia da boca murcha de um caboclo empaleado, barriga d'água, barba rala, bigode escasso, gestos lentos, que cochilava num tamborete.

Explicou-me: era o ajudante de Seu João Antônio e se chamava Zé Sororoca.

– E Seu João Antônio! Perguntei, meio aflito.

– Foi correr o seringal.

– Volta hoje?

– Lá pra noitinha, se voltar. Às vezes ele fica no mato caçando... – E para tranquilizar-me: – Mas esteja a gosto. É como se a casa fosse sua.

– Brigado, e com sua licença.

Botei em cima do balcão – que peso tirei das costas e da alma! – o saco de roupa, a caixa dos remédios, o rifle e todos os meus teréns. Estava enfim arranchado no barracão.

– Arme a sua rede no quarto, moço!

Armei. Tomei café. E vim dar uma olhada na porta. A floresta agressiva e o rio imenso ilhavam o barracão. Não era uma ilha. Mas era como se fosse. Cada criatura ali é afinal uma ilha, na solidão e no abandono da água e da mata. O seringal, ao fim de contas, que é senão grande arquipélago verde de tapiris e barracões, onde tudo isola e separa as criaturas? Destino insular confunde os homens na fraternidade do desengano e da miséria.

Seu Zé Sororoca contou-me como era a coisa e eu fiquei sabendo.

No barracão moravam ele e Seu João Antônio. Seu João saía de manhã para correr as freguesias e às vezes levava dias e dias no mato sem dar um ar de sua graça.

Aquele seringal tinha dezoito quilômetros de terras, com cinco mil hectares, segundo diziam os entendidos. Cada seringueiro tem trilhos de cinquenta seringueiras, formando uma estrada em volta do seu tapiri. Sai de madrugada, com um gole de café no estômago, cortando as árvores e colocando as tigelas; depois, recolhe as tigelas cheias de leite e vai defumar a borracha, para fazer as bolas: é o fabrico. De quinze em quinze ou vinte em vinte dias, vêm ao barracão para a quinzena: deixam as peles de borracha e levam sortimento de mercadorias para seu sustento (peixe salgado, carne seca, farinha, café, açúcar, cachaça, querosene, fósforo – e, quando possível, outras coisas).

Aquelas terras pertenciam aos índios. O patrão – o chefe da firma aviadora César Costa & Cia – homem ruim como cobra, tocou os índios pra fora a tiro de rifle, queimou-lhes as malocas e ainda por riba

levou duas indiazinhas pra Belém. Os índios sumiram, se embrenharam na mata.

– Mas eles voltam, e quando eles voltarem, não fica ninguém pra contar a história! Estamos no final da safra. Daqui a pouco começam as chuvas – e aí para tudo. É uma desgraça. Nem pescar de cacuri se pode, porque o peixe vai pra mata. E caçar, isso nem é bom pensar. Como é que pode, chovendo noite e dia, tudo afogado n'água, árvores e bichos? Vez por outra aqui no barracão Seu João Antônio deixa fazer um forró: como não há mulher bastante, dançam os homens uns com os outros, e mais seis ou outro curibocas do centro ou do outro lado. O que vale é que tem cachaça à vontade, e Seu João Antônio não se mete no furdunço, mas não se importa que o pessoal folgue... Não quer é briga. O pior é que às vezes a gente leva aqui quase um ano sem ver gaiola: os navios passam ao largo, ou do lado de lá, pelos paranás. A carga de expedição não chega por cá nem de seis em seis meses. E no inverno a gente nem pode vadiar no barracão, porque não se consegue botar a cabeça fora do tapiri. É só dormir e roncar...

PEREGRINO JUNIOR. A mata submersa. In: *A mata submersa e outras histórias da Amazônia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960, p. 310-14.



## SOBRE OS AUTORES

**CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA** nasceu em Manaus, em 1908, e morreu em 1978. Era médico psiquiatra, ensaísta, tradutor, dramaturgo e romancista. Escreveu quatro romances: *Babel* (1940), *A Bruxa* (1944), *A mulher dos marinheiros* (1965) e *Coronel de Barranco* (1970). Escreveu também seis ensaios ligados à psiquiatria e três biografias. Viveu em Manaus até ser preso e deportado para o Acre, por ter participado da Comuna de Manaus (Movimento Tenentista de 1924), onde permaneceu num seringal do Alto Purus.

**PEREGRINO JÚNIOR** nasceu em Natal, em 1898. Foi jornalista, escritor, médico e membro da Academia Brasileira de Letras. Lançou o jornal "A Onda", onde escreveu um artigo criticando o diretor da Escola Normal, o que provocou sua saída do colégio. Mudou-se em 1914 para Belém, onde terminou o estudo secundário. Colaborou no jornal "Folha do Norte", "A Tarde" e "A Rua" e fundou a revista literária "Guajarina".

## **BELÉM E MANAUS: A IMPROVISAÇÃO DO EXTRAORDINÁRIO NOS TRÓPICOS**

A exploração do látex, mesmo impondo uma relação de dominação e terror aos indígenas e trabalhadores recrutados do nordeste do Brasil, Peru e outras localidades, foi considerada pela administração estatal, conforme Arthur Reis (1953), como um grande feito na conquista do espaço amazônico. Da mesma forma, o médico Djalma Batista (1976) destaca pontos positivos a respeito do desenvolvimento da economia gomífera em diversos planos: no internacional, foi a abertura da expansão de produtos industriais pelo mundo; no nacional, o autor aponta o aumento da receita, a incorporação do estado do Acre ao território nacional, o desenvolvimento das cidades de Manaus e Belém, bem como, no plano Pan-Amazônico, o desenvolvimento da cidade de Iquitos, capital do departamento de Loreto, no Peru.

Ao olhar para as três cidades em conjunto – Belém, Iquitos e Manaus – Djalma Batista encara as transformações nessas localidades como uma “cadeia civilizatória decorrente da borracha”, ou seja, trata-se do investimento e da incorporação de um estado amazônico no resto do país e da instituição de um processo civilizador numa região considerada durante muito tempo como atrasada, exótica e desconhecida.

Foi forjado em Manaus, por exemplo, um quadro de diferenciação social, sustentado pela acumulação de capital em decorrência da economia gomífera. Como consequência, a paisagem natural e a cultura indígena são ignorados pelos projetos de higiene e controle social das cidades. Privilegiou-se, conforme a historiadora Edneia Mascarenhas Dias, a cópia da arquitetura europeia e, deste modo, as ruas mais centrais da cidade foram destinadas à sociabilidade dos comerciantes extrativistas como pontos preferenciais (Dias, 2007).

O comércio e a economia na Amazônia atraíram populações de diversas áreas do mundo e do país, principalmente de nordestinos. Segundo Reis (1953), vieram primeiro os maranhenses, que se deslocaram para o Alto Amazonas (Alto Solimões) e Purus; e, em seguida, foi a vez dos cearenses, paraibanos, pernambucanos, potiguaras e alagoanos. Mas apesar do aparecimento dessas novas populações na Amazônia, a presença contínua e atuante dos indígenas nos seringais permaneceu, mesmo com a insistência na ideia de invisibilidade desses grupos étnicos.

O passado nunca é simplesmente o passado: ele age com maior ou menor força, de acordo com as circunstâncias – como uma influência sobre o presente porque uma imagem de fases pretéritas da nossa própria sociedade, por distanciada ou deformada que possa ser, continua vivendo na consciência de gerações subsequentes, servindo involuntariamente como um espelho onde cada um pode ver-se a si mesmo.

**CONFIRA:** Norbert Elias, *O processo Civilizador*, 1997, p.59.

Para além da reclusão aos interiores da floresta com o objetivo de se proteger da expansão do “homem branco”, “civilizado” ou “colonizador”, os indígenas passaram por um processo de repressão, mas não abandonaram certos costumes, histórias ou tradições que foram ressignificadas ou re-semantizadas. Esses conceitos foram propostos pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira (2002), em seu texto sobre a “ação indigenista e utopia milenarista”, no qual os atores sociais atribuem novos sentidos a costumes, dependendo da ocasião e dos contextos nos quais estão inseridos.

Por isso, é importante compreender as transformações históricas e sociais que atravessaram e que foram atravessadas por esses coletivos indígenas ou não. É neste sentido também que insisto na importância de se trabalhar com aspectos históricos da região e trazer os alunos para esse empreitada pode ser muito proveitoso na sala de aula. A pesquisa iconográfica em bibliotecas, institutos históricos e geográficos, igrejas, escolas, entre outros, pode ser coletada e analisada coletivamente.

A compreensão das transformações tanto nas cidades quanto nos interiores da Amazônia perpassa pelas tramas que as chamadas “famílias poderosas” teciam na composição política local. Por exemplo, no caso do município de Fonte Boa (AM), a história do desmembramento de mais da metade do seu território para a criação do município de Jutai (AM), em 1955, está intimamente relacionada com as tensões e as disputas políticas entre famílias da elite local, formada por migrantes nordestinos e portugueses.

Os seringalistas cearenses, conforme o economista Samuel Benchimol (1977), estavam engajados na política local e tinham influência direta nos partidos políticos na capital e na escolha dos candidatos. Quando atingiam uma estabilidade política na elite, se estabeleciam em Manaus, criando uma maior estruturação da rede de relações comerciais no interior com a capital.

O controle social e territorial não ocorria apenas nos seringais e nas propriedades dos grandes comerciantes e elites locais, mas se reproduzia de modo significativo nas capitais Manaus e Belém. A necessidade de estruturação das capitais para se adaptarem a este sistema econômico, político e cultural, levou os administradores a modificar o desenho territorial e cultural da cidade: os igarapés, presentes na vida da população, foram aterrados; houve uma tentativa de ignorar

os costumes considerados indígenas para a aquisição de uma nova subjetividade urbana, imposta pela administração municipal. Para isso, foram instituídos códigos de conduta que estabeleciam regras que direcionavam a vida cotidiana da população, como por exemplo, a desapropriação da habitação de trabalhadores (geralmente ligados às obras públicas) e que eram forçados a se deslocarem para áreas remotas da cidade; a exclusão das lavadeiras das margens dos igarapés, dos banhos diários e lavagem de animais e da canoa como meio de transporte urbano (Dias, 2007).

Enquanto no interior, as vidas das pessoas são controladas e exploradas, na cidade há uma espécie de higienização da cultura, no sentido de proporcionar um processo civilizador, conforme o sociólogo alemão Norbert Elias discute em suas obras “O processo civilizador” (1993) e “Os Alemães” (1997). Por isso, abandonar os igarapés, rios e tudo o que ligava a cidade ao mundo rural ou indígena significava uma abertura ao progresso, conforme a antropóloga e geógrafa Ana Maria Daou “A cidade remodelada contemplou os interesses dos segmentos urbanos enriquecidos com o comércio e daqueles vinculados às atividades administrativas e burocráticas” (Daou, 2014: 121). No entanto, a Manaus moderna não estava aberta à maioria da população do estado, ocasionando um “aburguesamento da sociedade amazonense” e fortalecimento da sua elite.



# ATIVIDADES

## ATIVIDADE 2

Esta temática pode ser trabalhada a partir da pesquisa iconográfica, isto é, com imagens de jornais, revistas e álbuns antigos. Uma das possibilidades, caso você não tenha acesso ou não existam arquivos públicos na sua cidade, é a pesquisa no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional neste link: [<http://hemerotecadigital.bn.br/>].

Encontrar imagens antigas da cidade onde você mora não significa apenas idealizar um “passado glorioso”, mas é importante porque permite também contestar a ideia da inexistência de conflitos no passado e do saudosismo de um tempo considerado melhor. Pesquise fotos, cartões postais, livros, em bibliotecas públicas, arquivos públicos e outras instituições e discuta as seguintes questões norteadoras:

- Identifique os componentes de idealização da *Belle Époque* nas cidades de Manaus e Belém;
- Discutir a relação entre a idealização da *Belle Époque* e a tentativa de apagamento da presença indígena nas cidades.

Tal atividade pode ser socializada com a construção coletiva de fanzines. O fanzine é uma publicação independente, alternativa e autônoma, com formato e distribuição livres. O fanzine segue uma linha editorial, mas sua diagramação segue critérios artesanais e coletivos. Geralmente não seguem os parâmetros da grande mídia e de comercialização. O material pode ser confeccionado com desenhos, escrito à mão livre, com colagens e sua reprodução pode ser feita por fotocópias ou na internet. Antes da confecção é importante debater a pauta e a linha editorial a ser seguida. Geralmente os materiais utilizados para a confecção dos fanzines são: folhas de papel A4 (sulfite) brancas, recicladas e/ou coloridas; canetas pretas e coloridas (esferográfica, ponta

fina ou hidrocor); tesoura escolar (sem ponta); cola; réguas e letreiros; revistas para recorte e montagem; imagens.

Há alguns exemplos da utilização de fanzine no site do Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMAD), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Lá eles propõem sua utilização para a divulgação da Lei 11.645/2008, que trata da obrigatoriedade do Ensino de História Indígena nas escolas. Para saber mais a respeito da utilização deste recurso didático, acesse o endereço: [<http://lemad.fflch.usp.br/node/7477>].

### ATIVIDADE 3

Podemos também debater a relação entre os projetos civilizatórios para a região e suas consequências violentas para a população indígena a partir do cinema. Organize três sessões de cinema com os seguintes filmes. Na primeira, apresente o longa metragem *Fitzcarraldo*, de Werner Herzog; na segunda, os curtas *No paiz das Amazonas*, de Silvino Santos e *Amazonas, Amazonas*, de Glauber Rocha; e, na terceira, *O cineasta das Selvas*, de Aurélio Michiles. Cada sessão poderá ser seguida por debate. É importante também que o debate seja socializado com a comunidade escolar, por meio de painéis, cartazes ou oficinas de vídeos com celular, com o registro das opiniões dos participantes sobre suas experiências ao assistir aos filmes e debatê-los.

Parece que a vida nos seringais, para todas as categorias de empregado, era a maior parte do tempo enormemente mesquinha e sórdida e nela havia poucos traços de companheirismo. O que chega até nós é um mundo (...) brutal e grosseiro, no qual ritos tais como torturar os índios selvagens, porém indefesos, era o que unia os trabalhadores dos seringais. Caso contrário eles brigavam por comida, mulher e índios.

**CONFIRA:** Michael Taussig, *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*, 1993, p. 58.

## O PARADOXO DO MODERNO: O COTIDIANO DOS SERINGAIS, AS PRIVAÇÕES E AS VIOLAÇÕES NO INTERIOR DA AMAZÔNIA

O cotidiano nos seringais era marcado pela dificuldade e pela privação. A palavra privação é constantemente lembrada e utilizada nos testemunhos de pessoas que entrevistei e com quem convivi durante minhas pesquisas. Em geral, os ex-seringueiros e atualmente lideranças indígenas nas regiões do Médio e Alto Rio Solimões relatam as dificuldades pelas quais passaram, as estratégias dos patrões seringalistas para aquisição de trabalhadores com o deslocamento forçado de pessoas de outras regiões e a utilização de sua mão de obra forçada.

Alguns trabalhadores eram “seduzidos” pelos patrões e aviadores que prometiam emprego e condições diferentes da vida que eles mantinham em suas regiões de origem. Outros eram considerados cativos de seringais mais distantes e negociados entre patrões. No caso dos estrangeiros, vindos do Peru, Colômbia e outros países vizinhos, eram enganados pelos próprios conterrâneos que prometiam melhores condições de trabalho nos seringais brasileiros.


A pessoa viajava para a Amazônia na promessa de um trabalho digno, de receber um pagamento justo, na esperança de modificar suas condições sociais e econômicas. No entanto, não sabia que na verdade estava contraindo dívidas e se submetendo a uma espécie de prisão. Ao chegar na colocação, o seringueiro passava por diversas privações. Só comia se trabalhasse e quando adoecia de malária, conhecida na região como “sezão”, agravava a situação. Quando não sabia produzir farinha era obrigado a consumir aquela, muitas vezes podre, fornecida pelo patrão. Muitos trabalhadores morreram, seja por doença, excesso de trabalho e fadiga, suicídio ou intrigas e conflitos com patrões e outros seringueiros. A principal regra era a relação de fidelidade entre patrão intermediário e freguês, ou seja, se o seringueiro vendesse sua produção para um regatão ou qualquer outro comerciante, era castigado ou expulso do seringal.

A partir do período de crise da economia gomífera (1910), os altos preços das mercadorias e os baixos preços da borracha produzida, estimulados pelo patrão e intermediário ou aviado, aprisionavam cada vez mais o seringueiro no círculo vicioso do aviamento. Às vezes produziam muito, mas não havia possibilidades de escoamento da produção,



situação que se reproduz ainda hoje nos interiores do Amazonas. Os regatões, em geral, buscavam as localidades onde se produzia borracha, o local onde não tinha era ignorado pelos comerciantes. No período das chuvas eles desapareciam, pois não tinha produção em consequência da cheia dos rios. Os regatões também exploravam o quanto podiam quando conseguiam se aproximar das colocações mais remotas: compravam o produto (borracha, castanha, farinha, peixe e outros) e vendiam a mercadoria aos trabalhadores pelo preço que determinavam, o que não condizia com a realidade de um comércio justo.

O relato do seringueiro da colocação “Nova Vida” no Rio Jutai demonstra outra dimensão da vida no seringal, diferente do que Reis (1953) apresentou, com seu argumento da necessidade de dureza para controlar a população das colocações, conforme mencionei anteriormente. As colocações também eram locais onde existia o compadecimento ou compaixão entre os trabalhadores. A expressão “você tá cum pena dele, leve ele pra sua casa!”, conforme o depoimento de Expedito Moraes, faz alusão à forma cruel como essas pessoas eram tratadas e submetidas ao trabalho escravo, o argumento do carrasco a serviço da elite.



Olhe, quando o ano que nós chegamo aqui adoeceu tudo (...). Aqueles que trabalhava no dia de domingo, ele só comia uma vez, só ia comer na segunda-feira de novo se fosse trabalhar. Eu vi um lá no canto do barracão, um mineiro, morreu de fome porque o pobre era doente, ele num aguentava se sentar, só se sentava com as perna estirada; ele era todo duro e o patrão diz que num dava comida a ele porque ele num trabalhava, se ele trabalhasse dava comida. Até que ele aguentou, aguentaram pedindo farinha a um e outro que chegava no barracão; quando davam algum litro de farinha a ele, o patrão dizia: “você tá cum pena dele, leve ele pra sua casa! Leve pra lá”. Inté que quando foi mês de janeiro, começo de fevereiro, lá morreu. Morreu no canto do barracão pedindo comida.

DEPOIMENTO DE EXPEDITO MORAES DA SILVA, SERINGUEIRO DA COLOCAÇÃO NOVA VIDA, ENTREVISTA COLETADA PELA EQUIPE DA PRELAZIA DE TEFÉ (AM) EM JANEIRO DE 1980. FONTE: ARQUIVO DA PRELAZIA DE TEFÉ.

Às crianças não era proporcionada uma educação formal. Para estudar, os filhos dos seringueiros deveriam ser enviados a Manaus, mas ninguém tinha possibilidades ou o dinheiro necessário para a empreitada, por isso “o jeito é criar eles na mata”. A falta de escola em algumas colocações era suprida pela esposa do patrão, que servia como professora local. Isso proporcionou uma disseminação do idioma português entre os indígenas que viviam no seringal. Sem escola, o seringueiro se considerava um bicho selvagem dentro da floresta, pois as crianças que nasciam lá dentro não possuíam documentos. De um modo geral, o seringueiro se sentia prisioneiro e não tinha esperanças de uma mudança significativa na sua condição social.

Ainda há registro na memória dos comunitários e dos indígenas da ideia de um dono, um “coronel de barranco” que domina e controla a região. Esse controle, representado principalmente pelo sistema de aviamento, teve como consequência o encerramento dessas populações em colocações, perseguição de indígenas, como também evidencia Iglesias (2010) sobre a experiência das **correrias** no Acre.

A experiência de violência no Putumayo analisada por Taussig (1993), semelhante à relatada pelas pessoas que conheci e coletadas em documentos que pesquisei, traz à tona as histórias e narrativas sobre a região, acionadas com imagens da selvageria: “o terror e as torturas que elas [histórias] projetavam espelhavam o horror à selvageria que os seringalistas e os empregados temiam e inventavam” (Taussig 1993: 139). Essas imagens do infortúnio a que Taussig se refere também foram abordadas por Iglesias a respeito da questão das “correrias” no Acre. As correrias eram expedições armadas promovidas pelos patrões com o objetivo de capturar os indígenas, considerados selvagens pelos patrões seringalistas e caucheiros.

A Segunda Guerra Mundial trouxe modificações neste cenário de exploração. Cerca de 55 mil homens foram recrutados para extrair látex das seringueiras nativas da Amazônia, e fornecer ao governo dos Estados para suprir a produção bloqueada da Ásia. Mesmo com esses contratos, a situação precária dos seringueiros não se modificou.

Sobreviver aos diversos maus-tratos, marca do estilo de vida no seringal, significa uma prova das diversas estratégias de enfrentamento que ocorrem no cotidiano, como as fugas (deslocamento geográfico), as alianças, a fofoca, o apadrinhamento e as negociações políticas. Certas ações violentas, conforme o antropólogo Anton Blok em seu

Para os povos indígenas, as “**correrias**” resultaram em massacres, na captura de mulheres e meninos e na gradual dispersão dos sobreviventes em terras firmes dos fundos dos seringais e pelas cabeceiras principais afluentes do rio Juruá.

**CONFIRA:** Marcelo Iglesias, *Os Kaxinawá de Felizardo*, 2010, p. 18.

livro “Honra e Violência” (2001), envolvem transições importantes, como, por exemplo, o cruzamento entre a vida e a morte. Certas precauções violentas, como no caso dos castigos, servem para evitar ou restringir qualquer reação. O comportamento reativo do freguês é considerado um risco ao sistema imposto no barracão, por isso a necessidade do ritual violento do castigo, no ponto de vista do patrão. O freguês não era apenas preso pelo patrão, segundo os relatos, mas também era submetido a castigos e torturas quando o autoritarismo do patrão era questionado.

No caso específico que estudei no Alto Rio Solimões, município de Fonte Boa (AM) e adjacências, percebi que os relatos dos ex-moradores de seringais e localidades distantes também descrevem tanto formas de resistência e mobilização consideradas pacíficas, como a atuação do **padre João Van Den Dungen** (no Jutai), quanto violentas daquela população e a luta pela sobrevivência na empresa seringalista. A produção dos seringais e dos lagos de Fonte Boa e Jutai era monopolizada, entre as décadas de 1930 e 1960, pela família Affonso. De origem portuguesa, o patriarca Benjamin Affonso e seu irmão Fabiano, dominaram a cadeia produtiva e os corpos da população da região. Aviados da grande casa aviadora de Manaus pertencente à família de J. G. Araújo, eles foram acusados em 1935 de mandar assassinar Manoel Nunes, antigo suposto dono das terras do Jutai.

Nem sempre os seringueiros suportavam os abusos cometidos pelos patrões e organizavam tocaias para resistir às investidas violentas dos funcionários dos seringais. Cada seringueiro, segundo o patrão, deveria entregar sessenta quilos de borracha. Quando não estava satisfeito com a produção, o patrão determinava a punição com borrachadas nas costas do seringueiro, cerca de sessenta borrachadas para cada quilo não entregue. Os castigos não se limitavam ao suplício físico, mas havia o confisco de objetos pessoais e as esposas desses seringueiros, que não tendo condições de pagar a dívida, eram violentadas sexualmente pelos membros das expedições.

Em 1964, descontentes com essa situação, os seringueiros organizaram uma revolta armada para dar cabo ao constante suplício. Reuniram municiões, fizeram treinamento de tiro ao alvo, cavaram trincheiras atrás de troncos de árvores caídas e, no dia marcado para a cobrança, ficaram à espreita. Quando a equipe de cobrança chegou, reforçada com soldados de Manaus e “capangas”, eles não encontraram

Nascido a 07 de março de 1898 na Holanda, o **padre João** viveu na Foz do Jutai, onde foi pároco durante anos e onde morreu aos 74 anos. Era conhecido na região como “João da Foz”. Durante a sua primeira viagem ao Rio Jutai se desentendeu com o coronel de barranco Benjamin Affonso. Em carta de 1945 escreve: “Vi com meus próprios olhos a situação desumana dos seringueiros. É para chorar: eles não têm roupa para se vestir, nem remédios. O patrão os engana no peso e na tara da seringa, no preço do açúcar, sal e sabão. Morreram já centenas de pobres na beirada”.

os seringueiros em suas casas e começaram a gritar, ameaçando-os. E foi neste momento que os seringueiros abriram fogo contra os inimigos. Sobreviveram apenas dois empregados, que não foram mortos posteriormente ao confronto, e em retribuição ao direito à vida, deveriam enviar um recado para os Affonso: levar os mortos e, num ato simbólico, afirmar que aquela era a borracha dele.

O “governo” estava a serviço dos Affonso, com uma frente de apoio ao enfrentamento da rebelião. Um sistema que enriqueceu muitos empresários, além de modificar a estrutura e arquitetura da cidade de Manaus e Belém, à custa do sofrimento e exploração demasiada de diversas famílias. A extorsão do seringueiro foi considerada uma das formas de exploração dos trabalhadores para acumulação do capital e esse excedente era compartilhado pela rede de casas aviadoras e, conseqüentemente, pelo governo. Por isso, a segurança e espoliação eram garantidas pelas investidas policiais nos seringais. Neste esquema de “segurança”, os policiais impediam que os seringueiros “em débito” abandonassem os seringais e capturavam aqueles que conseguiam escapar para Manaus ou Belém (Santos 1980).

No seringal tinha guarda que privava tudo, pegava eles [os trabalhadores] e deixava lá dentro. Aquilo lá era uma prisão danada pra eles. Ele [o coronel de barranco] matou muita gente. O pessoal do Jutai é que vivia assim na privação. Eles privavam tudo. Ele [patrão] pegou o Jutai quase tudo. Tinha o barracão dele, tinha os guarda dele que ficava lá. Aí quando o pessoal vinha querer viajar pra vim pra fora, pro Solimões, diz que ele pegava e prendia tudinho. Ele descumpria muito. Ele não sabia se pagava conta, não sabia se tirava saldo de alguma coisa dos produtos. Ai não sabia de nada, quando o barco chegava lá no alto já não levava mais nada. Negócio de leite, açúcar, café. Por isso que eles queria vim embora. Ele prendia e levava pra dentro do seringal de novo. Sei que sofreram muito.

DEPOIMENTO DE VENTURA ARANTES, DESCENDENTE DE INDÍGENAS COCAMA, EX-MORADOR DA COMUNIDADE DE ITABOCA NO AUATI-PARANÁ, ALTO RIO SOLIMÕES.

Segundo Oliveira Filho (1988), a empresa seringalista no Alto Solimões possui especificidades e não pode ser igualada aos esquemas atribuídos pela historiografia às regiões do baixo Amazonas, rio Madeira, rio Purus, rio Juruá e Acre, diferente do que foi retratado por Euclides da Cunha em sua experiência no Purus. Sua produção era menor e não possuía meios para mobilizar os trabalhadores nordestinos para sua expansão. Oliveira Filho afirma ainda que o monopólio exercido pelo patrão só é possível devido ao mercado local reduzido, controlado por poucos indivíduos, os patrões. E tal controle era tão comum na região que não se limitava apenas às restrições nas vidas dos indígenas, mas também no cotidiano dos brancos, pobres e marginalizados.

O controle do território se concretizava também no controle da mobilidade. O costume de “fechar os rios”, impedindo o livre trânsito, fazia parte da estratégia de captura e prisão das pessoas, bem como o impedimento da entrada de outros estabelecimentos comerciais que seriam concorrentes. Por isso, neste sistema de aviamento era imprescindível a operacionalização dos fechamentos de rios. Tal procedimento representava a desmobilização da força de trabalho através do controle da mobilidade. A mobilidade era fundamental para a reprodução das localidades, das estratégias de reprodução social dos grupos domésticos, bem como do fortalecimento das relações de vizinhança. Ela também era fundamental em locais onde os recursos naturais são dispersos e localizados em áreas de difícil acesso, como por exemplo, no caso das roças distantes tanto das residências quanto dos lagos e das estradas de seringa e castanhais.

A liberdade de deslocamento pelos rios se caracterizava como uma ameaça para a hegemonia dos patrões. Essa prática do fechamento de rios é comum ainda hoje, tanto entre supostos proprietários de terras quanto entre os indígenas e ribeirinhos, na qual são utilizadas cordas amarradas nas margens dos rios, de um lado a outro, impedindo o trânsito dos barcos. Fechar o rio ou igarapé com cordas amarradas de uma margem a outra, num território alagadiço como a várzea e o igapó na Amazônia, equivale a fincar cercas e proteger uma propriedade privada, tomada à força.

Esses episódios, caracterizados pelo controle dos corpos e do espaço, ainda situam as histórias locais. Este passado desfocado repleto de situações violentas deixa de ser distante quando se observa os conflitos atuais nessas regiões onde a patronagem era o sistema político vigente.

A patronagem ainda ocorre, é certo que foi devidamente atualizada e é composta por elementos distintos aos do passado, mas que marcam certas atitudes na realidade local.

Por isso, é importante trabalhar esses elementos com os estudantes, trazendo a história pessoal, de suas famílias, para desenvolver um projeto diferente do vigente. Proponho mais uma atividade que estimule o debate sobre as histórias conhecidas pelos estudantes a respeito da atuação do patrão nos seringais.



## ATIVIDADE

### ATIVIDADE 4

Os participantes deverão ler e comparar os trechos destacados abaixo e, tendo como base uma história de vida por ele contada ou encontrada em algum livro (caso não tenha conhecimento de alguém que tenha vivido tal situação), poderão analisar e apresentar para os demais participantes suas reflexões acerca da violência e resistência de grupos locais a essas relações de poder. Com esta proposta, tenho a intenção não apenas de ampliar o debate sobre a formação histórica, social e essas relações de poder às quais me referi, mas também problematizar o perigo da única história.

## TRECHO 4

No seringal, a unidade mais expressiva do complexo amazônico, o “patrão” abre a galeria. Geralmente nordestino, não é um improvisado ou alguém que ocupe a posição pela força das origens ou da fortuna. Inicialmente foi um batedor da hinterlândia, um explorador da selva, que se impôs pela posse de virtudes e qualidades necessárias à vitória. Experimentado na floresta, ambicioso e capaz de impor a sua vontade na disciplina de seus homens, conseguiu a confiança dos “aviadores”. Ora é o fundador do seringal, ora um antigo seringueiro que conseguiu substituir o antigo patrão, que lhe passou, pelos meios legais, os direitos de propriedade do seringal.

Disciplinador por excelência, tem de mostrar-se à altura de quantos problemas lhe surgem, principalmente a ordem que deve ser mantida nos barracões, nos “fabricos”, nas tarefas de todo o dia. Muitas vezes se mostra violento, indo mesmo à barbárie no trato com os seus homens. Seus métodos de ação, por isso mesmo, lhe têm valido a acusação de desumano, explorador do sangue de seus jurisdicionados, senhor de escravos, barão feudal.

Ora, é preciso compreendê-lo no meio social de onde veio e em que vive. Lidando com homens, só homens, dominados pelas angústias do isolamento na floresta, não pode, absolutamente, ser um tipo de salão, de gestos maneirados, revelando educação aprimorada. O respeito que impõe, a direção que precisa dar aos negócios do seringal exige-lhe ação pronta, enérgica, e explica a aspereza. Tem de ser dinâmico, rude, talvez tirânico. Qualquer fraqueza, qualquer indecisão pode levar a um desastre. O senhorio que exerce precisa ser mantido sem hesitações. Lança mão de recursos bárbaros, muitas vezes, para poder conter o desenfreio natural no ambiente duro, é verdade. Quando os fregueses ousam fazer-lhe exigências, pretendem abandonar o trabalho, cometem faltas, empregam processos condenados na extração do látex, os meios de punição ou de correção que aplica são, realmente, violentos. Tortura-os, prendendo-os no tronco como se fossem negros da época da escravidão. Se entende que sofreu uma desfeita que lhe macula a dignidade pondo em jogo a própria honorabilidade, não treme na ordem para eliminar o ofensor. Age, assim sem freios. Sua vontade é lei. A autoridade do magistrado civil ou militar que vive na sede da Comarca e, pela distância e falta de elementos materiais, quase não pode chegar ao seringal para o policiamento moralizador e disciplinador, ele a exerce, em consequência, a seu modo, ignorando a dos outros, a autêntica, a legal, e exerce-a de acordo com a concepção primária de vida, de moral, a que se habituou desde a infância. Faz justiça como lhe parece que deva ser feita.

É preciso não esquecer, para compreendê-lo, por fim, que, na generalidade não frequentou escolas, não saiu de ambientes requintados. Emergiu do meio do agreste do sertão, na luta contra a natureza nordestina. Sua ação exerce-se, ademais, em área ainda mais áspera! Esses modos meio brutais, a que é levado por tais contingências, não anulam, no entanto, seus sentimentos de humanidade, de ser social. É amigo de seus companheiros. Com eles se solidariza nos momentos difíceis. Sente-lhes os problemas, que já experimentou quando era simples seringueiro. Bravo nas horas duvidosas, sabe enfrentar o meio geográfico e social.

Muitos padrões fogem, todavia, a esse tipo clássico. São alfabetizados, de boas maneiras. Com os recursos que vão obtendo, viajam, procuram polir-se, aceitam a civilização em certos requintes que a distinguem. As residências que fazem levantar nos seringais ou nas cidades onde por fim passam a viver expressam claramente essa nova condição que vão alcançando. Constituem, evidentemente, exceções.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1953. p. 113-114.



## TRECHO 5

### Seringueiro

Homem que corta seringa é a resposta mais frequente quando se pergunta quem o que é seringueiro. Entretanto, no interior da Amazônia, perdidos e, algumas vezes, aprisionados nos seringais (propriedades em que se encontra quantidade considerável de seringas nativas disposta proximamente entre si e às margens, na foz ou na embocadura de um dos muitos rios da calha do Amazonas), homens, mulheres (seringueiras) e crianças (que cortam seringa na “ajuda”) exploram as seringueiras (*Hevea brasiliensis*), árvore de onde extraem o leite, conhecido como látex, com o qual se fabrica a borracha.

(...)

Nordestinos migrados para Amazônia, expulsos pela grande seca do final do século XIX, homens que se juntaram a mulheres da região, constituindo famílias que vivem da exploração do látex. Estabelecidos na região durante o chamado ciclo da borracha que por ali se deixaram



ficar em disputas com as sociedades indígenas, donas dos seringais nativos; acorrentados pelo sistema de aviamento, comandado pelos coronéis da borracha; em meio às disputas acirradas, que foram obrigados a travar para garantir as reservas extrativistas que hoje conhecemos. Conhecidos, também, como arigós e cearenses, dada a quantidade de migrantes oriundos do estado do Ceará.

Índios de diversas sociedades, às vezes pegos a laço, especialmente as mulheres, a mando dos coronéis para fazer companhia aos imigrantes que chegaram do Nordeste e para trabalhar na lida dos seringais. Moradores da floresta que, em meio a embates com a sociedade nacional invasora de suas terras e destruidora de suas relações de trabalho, produzia o seringueiro caboclo. Os índios seringueiros sobreviveram (...) pelo fato de não se deixarem aprisionar facilmente, algumas vezes, foram e, ainda são, chamados de caboclos, brabos. Brabo é, também, designativo de nordestino recém-chegado ao seringal, que ainda não domina adequadamente o corte da borracha, cuja produção é pequena; não satisfaz.

Caboclo (sinônimo de seringueiro) é a denominação dada aos índios e aos descendentes de índios, que se dedicam ao corte da seringa, no interior das colocações (lugar dentro do seringal, onde se concentram seringueiras nativas, também conhecidas como bola de borracha, no sul do Pará) que diariamente percorrem as estradas de seringa (vias, caminhos que interligam as diversas colocações dentro do seringal) para sangrar (fazer incisões) as seringueiras, que começam a trabalhar antes do amanhecer e voltam em busca do látex ao entardecer. Considerados mão-de-obra de inestimável valor pelo conhecimento que possuem da floresta, embora esse conhecimento adquirido e empregado na extração do látex não se traduza em salário, estão tão sujeitos ao aviamento, quanto os demais trabalhadores. Os caboclos e as caboclas de um seringal podem ou não manter, como os demais trabalhadores, pequenas roças de subsistência, quando conseguem burlar o seringalista (dono do seringal), apesar da eterna vigilância e da queimada das roças, como arbitrariamente se fez no passado. (...)

Homem que ainda domina a cena no interior da Amazônia, quando o assunto é corte de seringa. O domínio masculino torna invisível o trabalho das seringueiras, mulheres que, hoje, com a constituição do estabelecimento de famílias no interior dos seringais, possuem um papel importante na cena amazônica, não apenas na Amazônia brasileira, mas na Pan-Amazônia. As seringueiras são trabalhadoras que, como a árvore homônima, produzem a seiva da vida no interior do seringal. São elas que mantêm pequenas roças; criam animais de pequeno porte, como aves e porcos; “coletam” animais silvestres e seus produtos; produzem

a seiva do sustento cotidiano no espaço do seringal. As seringueiras, hoje, possuem um papel fundamental nos empates (disputas acirradas para evitar o desmatamento nas áreas de seringal). Quando o movimento do empate está sendo organizado, os seringueiros são extremamente vigiados para evitar reuniões e articulações, em situação de conflito em potencial ou declarado, cabe às mulheres preparar o evento, afora se colocar junto com as crianças à frente das máquinas. Muitas são as mulheres da floresta anônimas que participam da preservação da floresta, movimento que no Acre tem como símbolo Chico Mendes. (...)

Homens e mulheres que, tal qual as porongas (lamparinas rústicas feitas com folha de flandre, dentro da qual era introduzidos pequenos frascos com querosene e pavio, que acesos iluminavam a floresta para o corte da seringa; grande parte delas era "afixada" à cabeça do seringueiro para que ele pudesse ter as mãos livres para o exercício da atividade), iluminam a floresta, na falta de lanternas, e produzem riquezas, cujos ícones estão plantados nas matas e nas cidades amazônicas. Trabalhadores e trabalhadoras mestres em reciclagem, produtores de instrumentos de trabalho fruto do aproveitamento dos materiais que chegavam ao interior dos seringais. São porongas, machadinhas, tigelinhas, facas, azagaias ou zagaias (lança, arpão em madeira com ponta de ferro) de uso cotidiano, mas também são responsáveis pelas suntuosas edificações presentes em Manaus e Belém que ainda hoje simbolizam não apenas o fausto da borracha, mas a saga de seringueiros e seringueiras, homens, mulheres e crianças que com seu trabalho produzem a Amazônia.

BELTRÃO, Jane. Seringueiro. In: MOTTA, Márcia (org.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 421-424.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.
- BELTRÃO, Jane. Seringueiro. In: MOTTA, Márcia (org.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*. Manaus: editora Humberto Calderaro, 1977.
- BLOK, Anton. *Honour and violence*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- DAOU, Ana Maria. *A cidade, o teatro e o “Paiz das seringueiras”*: práticas e representações as sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. 2.ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- \_\_\_\_\_. Civilização e violência. Sobre o monopólio estatal da violência física e sua transgressão. In: *Os alemães*. A luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- GOULART, José Alípio. *O regatão: mascate fluvial da Amazônia*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.
- IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. *Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá*. Brasília: Paralelo 15, 2010.
- LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2. Ed. Manaus: Editora Valer, 2002.
- MARIN, Rosa. Aviamento. In: MOTTA, Márcia (org.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LLOYD, Reginald et all. *Impressões do Brazil no Seculo Vinte*, Rio de Janeiro; Londres, Lloyd’s Greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *O “nosso governo”*. Os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.
- \_\_\_\_\_. Ação indigenista e utopia milenarista. As múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. *Pacificando o branco: cosmologias de contato no norte-amazônico*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- PEREGRINO JUNIOR. A mata submersa. In: *A mata submersa e outras histórias da Amazônia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1953.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia*. (Tese mimeografada). São Paulo: Faculdade de Economia. Universidade de São Paulo, 1977.

TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: uma história, Alto Juruá, Acre (1890, 1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.